

Her House on the Water

I.

Doses Homeopáticas

As perturbações psíquicas resultam do caos sexual da nossa sociedade. Durante anos e anos esse caos tem tido a função de submeter as pessoas às condições sociais existentes. Em outras palavras, internalizar a mecanização da vida pouco a pouco, fazer que os indivíduos percam a confiança neles mesmos. As pessoas educadas nesse ambiente de repressão e negação da vida e do sexo acabam contraindo angústia de prazer. É essa angústia que é terreno para a criação das ideologias fascistas e das ditaduras. O orgasmo nos mantém afastados da morte e nos ajuda a suportar essa sociedade. Doses diárias de prazer são necessárias para manter-nos longe das políticas reacionárias. Gozar.

Dizem que o ácido lisérgico não deve ser ingerido em estados de ânimos escuros, triste, deprimidos, pois é uma droga que altera e é alterada pelas condições psíquicas do usuário. Por isso é uma droga que nos obriga a estar conscientes de si. Ninguém quer naufragar na viagem e por isso o LSD deve ser engolido como quem toma o veneno diluído da homeopatia e com o cuidado de quem vai nadar em alto-mar.

A homeopatia é baseada no princípio conhecido como “semelhante por semelhante” se cura. Para curar os sintomas de uma doença é preciso descobrir primeiro que substancia causa o mal-estar e então diluí-lo em água. A homeopatia defende que a água guarda as propriedades dos compostos que estiveram em contato com suas moléculas anteriormente. A comunidade científica, muitos homens, nega tal teoria alegando que a água em estado líquido é incapaz de formar estruturas organizadas que durem mais do que umas frações de nanosegundos. Mas, não é um nanosegundo de experiência o suficientemente real para gerar uma memória?

Minha memória favorita de LSD acontece dentro do mar. Estava olhando pra praia, com outras mulheres por perto. Longe da areia, enquanto a maré subia, nos sentíamos protegidas e brincávamos. É muito bom estar dentro d'água, quando tudo que existe é água e podemos nos abandonar e afundar e ainda assim boiaríamos. Não

é a tristeza o princípio de todos os males? Deveríamos talvez engolir pedacinhos de papel embebidos em lágrimas?

Nossa sabedoria nos empodera. Nossa sabedoria erótica é a lente pela qual vemos nossa existência. Fomos criadas para temer nossas profundidades, nossos mais profundos apetites. Mas Temer, jamais. Dizem que o monstro é muito sexual, é um delinquente imoral. Tudo que toca sua pele se contamina... E ainda assim, eu o desejo, você o deseja. Temer o monstro é, na verdade, querer ser um monstro. É um desejo sempre latente. Viver sempre com fome. Temerários e penitentes, vocês não sabem que a fome transforma a alma em fera?

Tocar, apertar, gemer e gritar: manifestar também a loucura. A loucura que é um abrupto abismo que observamos nos olhos das pessoas, nos fios de voz que saem de suas gargantas. Uma mulher é um ritual de luta. Uma mulher é um mergulho sem escafandro. De fato, para todas nós a verdadeira batalha contra os opressores começa debaixo da nossa pele, nos nossos abismos.

Temos que voltar a amar o prazer sobre todas as coisas. Evitar as doenças. Sanar o mundo a golpes de orgasmo. Para que em seguida, ao regressar dos encantos de amor, nos sintamos tão leves e satisfeitas que possamos amar até mesmo as bestas

II. **Língua de Bruxas**

O homem pode ser louco. O pensamento, não. Penso, logo não estou louco. Não estou louco, logo sou. Na tradição do pensamento, a loucura está associada ao não-ser. Não cabe ao louco saber de si. Por ele falam as instituições.

Pensar a loucura é anular a loucura. Todo aquele que tenta explicar esse Outro com ajuda da linguagem acaba anulando sua existência disléxica. Tentar traduzir a experiência da loucura é só mais uma pose, uma parte da repressão, da violência contra a loucura e contra o louco que a manifesta.

O pensamento ocidental concede superioridade ao masculino em relação ao feminino, sempre o outro e o objeto do homem. Quantas vezes já não escutamos que somos umas loucas? Mas eu falo em

línguas. Faremos caso omisso irresponsavelmente das psicanalisadas deitadas no divã? A experiência analítica depende sempre de um oprimido, cuja necessidade de comunicar é explorada (como as bruxas, que não podiam fazer outra coisa que não fosse repetir, sob tortura, a linguagem que os inquisidores queriam ouvir). O psicanalisado não tem outra opção salvo tentar dizer o que querem que se diga, se não quiser quebrar o contrato que lhe permite falar. Temos que admitir que Lacan encontrou o que encontrou graças a nossa necessidade insatisfeita de comunicar, nossa necessidade de inventar momentos para a invenção de si. As bruxas inventamos a psicanálise. Seguiremos falando em línguas.

Se somos o que eles dizem que somos, nos afogamos. Afogadas, cuspiamos no escuro. Brigando com a nossa própria sombra o silêncio nos sepulta. Mas o silêncio não vai nos enterrar. Cuspiamos no mais escuro dos mares. A existência dos monstros é a prova de os sujeitos não existem. Vocês não existem. Mas ao contrário, eles, os monstros, estão sempre aqui. Existimos.

III. **Aquários e pedras**

Construímos um muro para deter a avalanche de matéria inorgânica, orgânica, psíquica que nos sacode com descargas de pedras, mares, olhos e gritos. Por que não incluir juntos dos homens da "verdade" as loucas e loucos? O que aconteceria si nos deixáramos quebrar e arrasar? Breton não admite que está morto a um Artaud "curado" que insiste em que seu amigo está morto. Quebra, assim, ao não assumir-se morto, a transferência entre ele e Antonin: contradiz o psicótico, solta a corda da boia. Isto é justamente o que não deve ser feito. Não se deve contradizer aquilo que amas. Si for necessário, deverias aceitar a morte em vida e viver com outro corpo, vestido com outra pele, outro rosto, outro nome. Deverias deixar-te arrastar até o fundo de sua piscina e se afogar com ele. Olhar o mundo através do espelho d'água de seu aquário.

O mar pertence às sereias devoradoras de homens, aos golfinhos e às medusas, aos monstros abissais. O mar é dos barcos naufragados em gargantas de baleias. No mar estamos bem. Seremos obrigadas a sair da água? Vestir peles que não nos

deixam respirar para passear pelas ruas dos homens? Mulher, não encha o mar de lágrimas. Eu nunca vi uma sereia chorar.

Ser testemunha é suportar a solidão de uma responsabilidade e suportar a responsabilidade, precisamente, da solidão. Ninguém pode falar desde o ponto de vista da testemunha sem por em risco toda a ideia do compromisso histórico que isso significa. Virginia atende ao chamado da água, e ao chamado justamente da responsabilidade de atender a esse chamado, e não se deixa suicidar: se suicida. Enche seus bolsos de pedras. Decisões. Deveríamos começar nossa coleção de pedras?

Esse compromisso, esse chamado do passado, é o que obriga a testemunha a tornar público, com sua voz, a voz daqueles que já não podem testemunhar. Depois de tantos testemunhos, como fazer as pazes com o opressor? Não estamos em paz. Quando escuto o som do opressor, seus ataques, sua voz y risos, diminuo por dentro, caminho grudada às paredes da minha alma, busco um lugar pra me esconder.

Já vivi no profundo e a profundidade começou a falar comigo. A profundidade me ensinou a outra verdade. Olha para tua profundidade, reza para tua profundidade, acorda os mortos. Para reencontrar a alma, os antigos iam aos desertos. Isso é uma imagem. Nós propomos outra. A quem respondemos, de verdade? Mulheres mágicas deveríamos ir juntos ao mar.